



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8417 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação

VIVÊNCIAS SEXUAIS DOS JOVENS UNIVERSITÁRIOS: O NAMORAR E O FICAR
Valéria Soares de Lima - UFMS/Campus de Campo Grande - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Gislene Lisboa de Oliveira - UEG-PPGE - Universidade Estadual de Goiás

VIVÊNCIAS SEXUAIS DOS JOVENS UNIVERSITÁRIOS: O NAMORAR E O FICAR

Resumo

O presente trabalho é um recorte da dissertação de mestrado, defendida em 2017. Além do referencial teórico, a pesquisa de campo de cunho quanti-qualitativo, se deu por meio da aplicação de um questionário com 47 perguntas fechadas e abertas a 227 indivíduos com jovens adultos e adultos entre a faixa etária de 19 anos a 40 anos. O foco dessa análise se deu em como os jovens vivenciam e experienciam sua sexualidade a partir do convívio dentro e fora da universidade/faculdade. Nessa faixa etária, a maioria dos jovens pesquisados se mantém em relacionamentos sem compromisso que pode ser caracterizado por encontros casuais e/ou esporádicos e de cunho, às vezes, meramente sexual podendo ocorrer entre um ou mais parceiros denominados por eles como “ficar”.

Palavras-Chave: Sexualidade. Ficar. Namoro. Relacionamento interpessoal.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas muitos estudiosos têm se dedicado a pesquisar sobre o desenvolvimento humano que se caracteriza pelas mudanças ocorridas durante todo o ciclo de vida. Para discutir sobre o assunto, Lima (2017, p. 17) enfatiza que “[...] é indispensável analisar como foram produzidas, ao longo da história, as representações sobre o desenvolvimento humano, e como tais conceitos refletem a noção de sujeito [...]”, especialmente, nas relações com o outro.

Nesse contexto, a pesquisa foi pautada nas vivências sexuais de jovens universitários em uma Universidade Pública e uma Universidade Particular do Município de Anápolis-GO, que se caracteriza por uma diversidade de manifestações, desde as mais tradicionais, às mais atuais chamadas de ‘ficar’, em que jovens se relacionam e se separam de acordo suas concepções, experiências e necessidades momentâneas.

Os dados divulgados neste trabalho, corresponde aos resultados apresentados em uma dissertação de Mestrado em Educação, concluído em 2017, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/GO). Para o recorte deste artigo, restringiu-se em discutir a vivência sexual dos jovens universitários.

REFERENCIAL TEÓRICO

Na contemporaneidade, as relações entre pares foi se modificando, passando por ressignificações e revalorizações, de modo que, o amor e o sexo são vistos de formas distintas. Nesse contexto, o ‘ficar’ ganhou espaço, principalmente entre jovens, pois é um tipo de relacionamento que ocorre com a ausência de compromisso e responsabilidade com o parceiro. (AQUINO, GOUVEIA, PATRÍCIO, et al. 2012). O ficar, para os jovens, em sua maioria, se torna uma possibilidade de se relacionar com uma pessoa para um futuro namoro; em outros casos, pode ser apenas a possibilidade de estar com maior número de parceiros em uma busca de um contentamento momentâneo (CARAMASCHI, 2007) e de satisfação social.

Por se encontrarem em uma fase chamada de **pensamento pós-formal**, apresentam “capacidade de lidar com as incertezas, com a contradição com a imperfeição e com a conciliação”. (PAPALIA, OLDS E FELDMAN, 2006, p. 532). E por estarem em seu auge físico e cognitivo (BEE, 1997), se encontram em pleno exercício da sua sexualidade e procuram, dentro do espaço universitário ou fora dele, viver novas possibilidades quanto às experiências em relacionamentos esporádicos que podem ou não progredir para um namoro, conforme mostra a quadro, a seguir.

Quadro 1: Vivência e experiências sexuais

Variáveis	Universidade Pública	Universidade Particular
Tem namorado/a		
Tem namorado/a	51,6%	41,9%
Não tem	33,6%	29,5%
Quer namorar	9,9%	9,5%
Casados	4,9%	19,0%
Situação do namoro		
Namoro fixo	37,7%	34,3%
Sem relação com ninguém	36,1%	21,9%
Ficando com mais de uma pessoa	13,1%	14,3%
Estável	4,9%	19,0%
Ficando com a mesma pessoa	8,2%	10,5%
Lugares de encontros com o namorado		
Em casa	58,2%	78,1%
No shopping e motel	31,1%	17,1%
Na universidade, balada e na boate	10,6%	4,8%
Quantidade de ficantes		
Não tem	42,6%	47,6%
1-2 ficantes	41,8%	35,2%

2-3 ficantes	12,3%	12,4%
4 ou mais ficantes	3,3%	4,8%
Lugares de encontros com os ficantes		
Em nenhum lugar especial	41,8%	35,2%
Na residência de um dos dois	20,5%	23,8%
No shopping, na balada, no clube e na boate	18,8%	19,0%
Na balada e no motel	10,6%	13,3%
No shopping e no motel	8,2%	8,6%

Fonte: Lima, 2017.

Os dados apresentados no quadro 1, mostram que na Universidade Pública pesquisada há um percentual maior de jovens que afirmaram terem namorados(as), 51,6% em relação à Universidade Particular, 41,9%. Mas, quanto ao namoro fixo, o percentual entre os jovens das duas Universidades pesquisadas se manteve equilibradas (37,7% e 34,3%); da mesma forma mostram os percentuais para ‘ficar’ tanto com mais de uma pessoa (13,1% e 14,3%) quanto com uma única pessoa (8,2% e 10,5%).

Considerando os percentuais entre as perguntas sobre namoro ou ‘ficante(s)’, prevalece nas duas IES pesquisadas a condição de namoro entre pares. Esse resultado pode estar vinculado ao fato de que, cada vez mais o tempo de moradia com os pais vem se prolongando. Esse fenômeno de coabitação prolongada, em que jovens de 18 a 30 anos permanecem dentro de casa com os pais, é crescente, o que se deve a diversos motivos, dentre eles “a continuação dos estudos e problemas financeiros” e, também, pela liberdade sexual, pois podem se manter sexualmente ativos, sem a necessidade de constituir sua própria família. (RAMOS, 2006, p. 41).

Quando perguntado sobre o local de encontro entre os namorados, em que estes disseram se encontrar em casa, os percentuais dos pesquisados na Universidade Pública foi de 58,2% e de 78,1% na Universidade Particular. A diferença no percentual está relacionado ao fator socioeconômico dos respondentes, pois na Universidade Particular há vários gastos, inclusive, com mensalidade ao passo que na Universidade Pública a condição social pode até ser a mesma, porém os custos são menores.

Quanto à vivência da sexualidade, os alunos respondentes parecem bem desejosos por manter relacionamentos que não impliquem em responsabilidades, visto que cerca de 41,8% e 35,2%, respectivamente, ficam com uma ou duas pessoas; já o índice entre 2 a 3 ficantes foi de 12,3% e 12,4%. São relacionamentos dinâmicos, pois não se tem um compromisso firmado. O ficar com alguém pode acontecer em qualquer lugar e em diferentes momentos ou espaços. Esse tipo de comportamento, para Oliveira (2007, p. 500), “comporta em si uma liberdade e uma responsabilidade relativa, tanto com relação à pessoa envolvida no relacionamento, quanto ao grupo em que ambos os jovens se inserem”. Essa prática do ficar, para Caridade (1999, p. 20), parece refletir uma lógica da contemporaneidade em que a “regra do ficar é não ficar, não permanecer, não ter expectativas, não criar vínculos”.

Heilborn (2006, p. 36) acrescenta que essa categoria, ‘ficar’, surgiu no Brasil na década de 80, e classifica essa forma de se relacionar como “não-compromisso codificado”, de forma que os ficantes se aproximam e se distanciam quando querem. Conforme constata o autor, esses contatos incidem, muitas vezes, apenas em uma noite e têm como desdobramento os “beijos, carícias, até mesmo relação sexual, sem vínculo entre parceiros”. Essa realidade, segundo Bauman (2001, p. 7) faz parte das condições de vida as quais as pessoas estão

expostas na sociedade moderna de modo que as pessoas “são alimentadas pelas mudanças repentinas [...] e não podem tolerar o que dura”, por isso, até na forma de se relacionar os sujeitos buscam a flexibilidade, a instabilidade e a transitoriedade como maneira de fugir do que é sólido, do que tem forma e é capaz de prendê-los no tempo e no espaço.

Assim como os relacionamentos, os locais escolhidos para encontro com os ficantes são provisórios e diversos. Para Oliveira (2007), os locais citados, balada, clube e boate, são espaços ideais para esse tipo de relação porque são frequentados por muitas pessoas que, às vezes, têm a mesma intencionalidade. Quanto aos que responderam que utilizam os locais públicos como shopping, espaço com maior visibilidade, essa opção se justifica porque essas pessoas têm somente um ficante (19,4%) e não se preocupam com a possibilidade de que sejam vistos juntos, pois estão ficando com a mesma pessoa, como declarado na categoria outros.

Percebe-se que, além de os jovens ficarem, eles também mantêm relacionamentos fixos, mesmo que sejam relacionamentos flexíveis. O namoro ainda é um compromisso que se estabelece entre pares, “enseja uma relação de exclusividade entre dois parceiros e é objeto de comunicação para amigos e familiares”, principalmente para as garotas (HEILBORN, 2006, p. 35). Mesmo não tendo perdido a especificidade em relação ao compromisso, o namoro atualmente adquiriu uma realidade em si, caracterizando-se como uma fase de experimentação afetiva e sexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta instabilidade e transitoriedade nas relações sexuais demonstra um novo momento dos vínculos estabelecidos, principalmente, entre os jovens universitários. Para eles, este tipo de volubilidade não traz nenhum prejuízo quanto as suas percepções pessoais e vivências sexuais. Pelo contrário, este novo momento, é marcado por relacionamentos, como o ficar, que não implica em uma intimidade e proximidade maior entre os parceiros e familiares, em que para alguns faz parte do momento de vida, pelos quais estão passando, inclusive, na graduação, pois assim eles podem projetar-se profissionalmente sem ter que assumir um outro compromisso sério como acontece quando assumem um namoro.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, T. A. A.; GOUVEIA, V.V; PATRÍCIO, K.S.C.; SILVA, M.G.S; BEZERRA, J.L.M.; SOUZA JUNIOR, V.B.; OLIVEIRA NETO, W.M. **O amor entre jovens em tempos de ficar**: correlatos existenciais e demográficos. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932012000100009&script=sci_arttext. Acesso em: 20/09/2020.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BEE, H. **O ciclo vital**. Tradução Regina Garcez. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- CARAMASHI, S. (2007). **Ficar ou namorar**: intimidade sexual e intimidade emocional em conflito. Disponível em: <https://grupopapeando.wordpress.com/2010/08/19/ficar-ou-namorar->

[intimidade-sexual-e-intimidade-em-conflito/](#). Acesso em 20/09/2020.

CARIDADE, Amparo. **A construção cultural da sexualidade**. In: RIBEIRO, Marcos (Org.). O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais da saúde. 2º ed. São Paulo, SP: Gente – Centro de Orientação e Educação Sexual, 1999.

HEILBORN, Maria Luiza et al. **O aprendizado da sexualidade**: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Garamond: Floacruz, 2006.

LIMA, Valéria Soares de. **Prática social relacionada a sexualidade e gênero entre jovens universitários**. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Programa de Pós-Graduação em Educação. Dissertação de Mestrado. 2018. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/3829>. Acesso em: 01/10/2020.

OLIVEIRA, Denize Cristina de et al. "Pegar", "ficar" e "namorar": representações sociais de relacionamentos entre adolescentes. **Rev. Bras. Enferm.** [online]. v. 60, n. 5, p. 497-502, 2007. ISSN 0034-7167. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S003471672007000500003>>. Acesso em: 01 de outubro 2020.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 12º ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.